

DISCURSO E IDENTIDADE NA OBRA *A HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR

Jussara de Araújo Silva¹

jussara.araujo2008@hotmail.com

Thaysa Maria Braide de Moraes Cavalcante

thaysa.cavalcante@pesqueira.ifpe.edu.br

RESUMO

O presente artigo teve como principal objetivo analisar os discursos presentes na obra *A Hora da Estrela*, da escritora Clarice Lispector, a partir das falas do narrador e da personagem Macabéa, e como eles contribuem para a construção da identidade desta. Para fundamentação teórica, utilizamos a Análise do Discurso na percepção de Maingueneau (1984) e o conceito de identidade trabalhado por Silva (2000). Utilizamos a obra citada como *corpus*, e, ao estudá-la, percebemos que se sobressaem quatro principais discursos: o religioso, o determinista, o patriarcal e o capitalista. Todos eles interagem entre si, apoiando-se e completando-se mutuamente para construir a identidade da personagem. A importância desse estudo se deu pelo fato de que, embora seja uma ficção, a obra retrata a vida de muitas mulheres que, assim como a personagem, ainda são reprimidas socialmente e vivem condições subalternas, apoiadas pelos discursos já citados.

Palavras-chave: Discurso 1. *A hora da estrela* 2. Identidade 3.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the discourses present in the work *A Hora da Estrela*, by writer Clarice Lispector, based on the narrator's and Macabéa's speeches and how these contribute to the construction of the character's identity. For theoretical foundation we use Discourse Analysis in the perception of Maingueneau (1984) and the concept of identity worked by Silva (2000). We used the work cited as a corpus, and, when studying it, we realized that four main discourses stand out: the religious, the deterministic, the patriarchal and the capitalist. They all interact with each other, supporting and complementing each other to build the character's identity. The importance of this study was due to the fact that, although it is a fiction, the work portrays the lives of many women who, like a character, are still socially repressed and live in subaltern conditions, like the character, supported by the aforementioned speeches.

Keywords: Discourse 1. *Star hour* 2. Identity 3.

1 INTRODUÇÃO

Considerando a relevância social das obras literárias que, entre outras finalidades, conseguem “retratar e representar o que acontece na sociedade” (CÂNDIDO, 2006, p.29), e entendendo que os discursos, de maneira geral, carregam ideologias, independente da sua orientação (MAINGUENEAU, 1984), sejam eles políticos, religiosos, literários etc, entende-se que estes discursos, muitas vezes reproduzido em obras literárias, como a obra estudada neste trabalho, têm uma importante contribuição para a construção da identidade dos sujeitos. Tal contribuição acontece por implicar uma identificação do leitor com a obra¹, sobretudo, daquele que, de alguma forma, consegue fazer uma ligação da sua vida com a narrativa, sendo, portanto, potencial de transformação a partir do confronto com a alteridade.

Neste sentido, nesta pesquisa, busca-se responder a seguinte questão: quais são os tipos de discursos e as relações estabelecidas entre eles na obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, que atravessam as falas do narrador e da personagem Macabéa e colaboram para a construção da identidade desta? Para responder a essa problemática, caracteriza como objetivo geral: Identificar quais são os discursos na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que atravessam a fala do narrador e da personagem Macabéa e como se relacionam e contribuem para a construção da identidade desta.

Por não ter uma função específica e única, pode-se considerar que a literatura possui diversas finalidades, como registrar momentos históricos, divertir, entreter etc. Entre suas diversas funcionalidades está a representação da realidade social. De acordo com Cândido (2006), a literatura sempre tem um papel social, em que o autor da obra, possuindo uma sensibilidade e habilidade expressiva excepcional, consegue captar os acontecimentos sociais, retratar e representar o que acontece na sociedade, pois “a literatura também é um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”. (CÂNDIDO, 2006, p.29).

¹ Isso pode ser associado ao conceito de verossimilhança, o qual permite explicar que “a obra de arte, por não ser relacionada diretamente com um referente do mundo exterior, não é verdadeira, mas possui a equivalência da verdade, a verossimilhança, que é característica indicadora do poder ser, do poder acontecer.” (D’Onofrio, 1995: 21).

Nesse sentido, embora a obra *A hora da estrela* seja uma ficção, ela nos remete a problemáticas da vida real, contribuindo a fim de ampliar a compreensão sobre o próprio ser humano e o mundo que o cerca, e, por isso, torna-se importante analisá-la e observar como se dão os discursos dentro da narrativa, sobretudo nas falas do narrador e da personagem Macabéa, e como estes colaboram para a construção da identidade desta.

Pesquisando sobre os estudos já realizados sobre a obra *A hora da Estrela*, que será o objeto de estudo da pesquisa, encontramos um trabalho muito interessante, intitulado: “Clarice e Macabéa: apartes discursivos da construção/desconstrução da identidade feminina em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”. Este trata da construção da identidade da personagem por meio das ideologias, sobretudo, pelo não dito, e chama a atenção para a escritora e sua possível utilização da personagem para criticar a sociedade e ter mais liberdade para expressar seus anseios pessoais. Porém, o trabalho citado, diferente do nosso, não busca identificar os tipos de discursos, na voz do narrador e da Macabéa, e mostrar como eles se relacionam e contribuem para a construção da identidade da personagem. Fica claro, desse modo, a importância de explorar esse aspecto ao qual nos propusemos, pois ele nos ajudará a ampliar o nosso conhecimento sobre as relações interdiscursivas e suas implicações para a construção identitária.

Além disso, para a escolha da obra, que se caracteriza como *corpus*, houve ainda uma motivação pessoal: o apreço por toda a escrita da Clarice Lispector, por seu modo intimista e por sua escrita que busca adentrar o universo feminino.

Portanto, embora seja amplamente conhecida, sobretudo na área da literatura, e existam diversos estudos sobre ela, estes exploram, em sua maioria, aspectos relacionados à psicologia ou à parte cinematográfica, e poucos são voltados para a análise do discurso e sua relação com a construção da identidade. Por isso, faz-se necessária a continuidade dos estudos sobre a obra. A presente pesquisa, portanto, busca ser uma contribuição teórica na interface entre o estudo da obra literária, da análise do discurso e da identidade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Discurso e Interdiscurso

Embora existam outros estudiosos da Análise do Discurso de linha francesa, como Pêcheux e Orlandi, nesta pesquisa, trabalharemos na perspectiva, principalmente, de Maingueneau (1984). A princípio, é de grande relevância entender o conceito de discurso e de interdiscurso para, a posteriori, entender como estes colaboram para a construção da identidade.

Inicialmente, vale ressaltar que, no âmbito da AD, o discurso pode funcionar de duas formas: “como referindo objetos contáveis (há discursos) e como algo que transcende todo ato de comunicação particular (o homem é submetido ao discurso)” (MAINGUENEAU, 2015, p. 23). Ou seja, no primeiro aspecto, o discurso é visto como objeto quando, por exemplo, podemos identificar seu potencial ideológico, relacionando-o a sua condição de produção e até mesmo utilizando-o como *corpus* de pesquisa. Já no segundo caso, todo ato comunicativo carrega consigo um discurso e, automaticamente, uma ideologia, ainda que nem sempre tenhamos essa consciência, uma vez que somos “movidos” por ideologias² que estão sempre presentes nos discursos que atravessam nossas falas.

De acordo com Maingueneau (2015), embora o discurso esteja presente em um texto, ainda que este seja constituído por apenas uma frase ou uma palavra – como, por exemplo, “Silêncio!” –, que detenha um sentido e uma mensagem completa, ele não é nem o texto, nem a frase ou a palavra, ele perpassa essas unidades linguísticas. Em um texto, o discurso está para além da materialidade linguística, ele está presente nos sentidos que são construídos historicamente e que carregam ideologias. Além disso, para a efetivação do discurso, importa muito o contexto social em que ele é enunciado e o papel social do enunciador. Vale ressaltar, ainda, que um único texto pode trazer discursos diferentes, como podem existir vários textos com o mesmo discurso.

² Neste trabalho, adotamos o conceito de ideologia a partir de Orlandi (2005), como um mecanismo imaginário por meio do qual se coloca para o sujeito, a partir de sua posição social, uma interpretação já dada, um sentido que lhe parece como evidente, natural e normal para ele enunciar do seu lugar. Ressaltamos que, apesar de partirem de conceitos aproximados de ideologia, a análise do discurso na perspectiva de Maingueneau não pode ser confundida com a análise do discurso na visão de Pêcheux. Apesar do nosso trabalho se pautar na teoria discursiva proposta por Maingueneau, utilizamos o conceito de ideologia na perspectiva de Pêcheux por ser o que se adequa melhor ao nosso estudo.

Outro ponto importante, ao falar sobre discurso, é entender que ele é “uma forma de ação.” (MAINGUENEAU, 2015, p.25). Nessa lógica, podemos entender que nenhum discurso é neutro, pois, ao ser enunciado, carrega consigo posicionamento, e, dependendo do lugar de fala³ do enunciador, de seu papel social, além de demonstrar como ele se posiciona, pode, efetivamente, concretizar um ato, como por exemplo, um juiz - que socialmente tem uma autoridade - pode, por meio do seu discurso, efetivar um casamento. O mesmo discurso não tem nenhuma validade se pronunciado por outra pessoa que não ocupe esse lugar social que lhe atribua a capacidade de determinadas ações. Ou seja, os discursos revelam hierarquias e normas e, para que tenham efeito, são assumidos por um sujeito, sendo de grande relevância o papel social que este ocupa, além desse papel social ser determinante na forma como o discurso é recebido pelos interlocutores.

Vale ainda ressaltar, em consonância com Maingueneau (2015), que todo discurso é interativo, mesmo os que estão dentro de um ato enunciativo, aparentemente, mais monológico, como livros, conferências etc., e em que não parece haver uma interação efetiva entre o locutor e o interlocutor. Essa ideia é reforçada por Maingueneau (2015, p. 26) quando ele diz que:

Qualquer enunciação, mesmo que produzida na ausência de um destinatário ou na presença de um destinatário que parece passivo, se dá em uma interatividade constitutiva. Qualquer enunciação supõe a presença de outra instância de enunciação, em relação a qual alguém constrói seu próprio discurso.

Nesse sentido, a interação dá-se pelo fato de que todo discurso, ao ser produzido, é direcionado a alguém, e nasce dentro de um contexto, ou seja, dentro de condições de produções, podendo interferir diretamente nestas, o que permite que ele nunca esteja desconectado de uma realidade, e por isso, sempre vai fazer sentido, ainda que para um grupo restrito, por exemplo.

³ Embora existam várias definições para o termo *lugar de fala*, adotamos a definição de Djamila Ribeiro (2019), entendendo-o como lugar social ocupado pelos sujeitos numa matriz de dominação e opressão, dentro das relações de poder, ou seja, as condições sociais (ou *locus social*) que autorizam ou negam o acesso de determinados grupos a lugares de cidadania. Trata-se, portanto, do reconhecimento do caráter coletivo que rege as oportunidades e constrangimentos que atravessam os sujeitos pertencentes a determinado grupo social e que sobrepõe o aspecto individualizado das experiências.

Partindo da interatividade e da contextualização dos discursos, podemos agora discorrer sobre um aspecto muito importante que é o interdiscurso. Para que possamos entender melhor esse conceito, devemos considerar que não existe discurso completamente novo, todo discurso parte de algo que já foi dito, ou seja:

O discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso. Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras (MAINGUENEAU, 2015, p. 28).

Assim, entendemos que existem apenas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, e posicionamentos distintos que giram em torno do mesmo interdiscurso. Além disso, por mais que sejamos tentados a acreditar que podemos produzir um discurso inédito, apenas (re)produzimos a partir do que já existe. Portanto, “qualquer enunciação é dominada por um interdiscurso que a atravessa sem que ela se dê conta disso” (MAINGUENEAU, 2015, p. 28), ou de acordo com Pêcheux *apud* Maingueneau (2015, p.28), “isso fala sempre alhures e antes”, reforçando a ideia de que nenhum discurso constitui um sentido por si só, se não estiver interligado a outros discursos que convergem ideologicamente e que ganham sentido dentro de um interdiscurso.

Esses sentidos que estão presentes nos discursos não são inerentes aos vocábulos, eles são construídos dentro de um contexto sócio-histórico. Além disso, os sentidos não são estáticos, eles podem ir modificando-se, de acordo com as necessidades que partem das interações sociais. Sendo assim:

O sentido que aqui se trata não é um sentido diretamente acessível, estável, imanente a um enunciado ou a um grupo de enunciados que estaria esperando para ser decifrado: ele é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas. Essa construção de sentido, é, certamente, obra de indivíduos, mas de indivíduos inseridos em configurações sociais de diversos níveis (MAINGUENEAU 2015, p. 29).

Percebe-se, então, que o sentido, embora precise de um conjunto de signos linguísticos para ser transmitido, é mais que uma simples decodificação, está para além do texto e pode sofrer alterações, a depender do contexto no qual o texto que o carrega seja proferido. Portanto, por serem construídos socialmente, os sentidos

presentes nos discursos, assim como as ideologias, podem travar embates sociais, a depender do posicionamento de cada grupo.

Desse modo, fica claro que nenhum discurso é neutro, carrega ideologias que são expressas por meio de atos linguísticos. Como bem explica Orlandi, “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua.” (ORLANDI, 2005, p.17). Assim, *A hora da estrela*, como uma das diversas formas de manifestações linguísticas, é um suporte para a expressão de alguns discursos e, conseqüentemente, de algumas ideologias.

Para explicar de forma mais didática o conceito de interdiscurso, Maingueneau (2008) divide-o em três partes: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Por universo discursivo, como bem explica Possenti (2003, p. 145), Maingueneau entende “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada”, ou seja, trata-se de todos os posicionamentos ideológicos – presentes nos mais variados discursos - e que, embora seja finito, é impossível estudá-los e compreendê-los em sua totalidade.

Com relação a campo discursivo, entende-se “um conjunto de formações discursivas que encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008b, p.34). Nesse sentido, podemos entender o campo discursivo como um lugar de “batalha”, onde cada pessoa/grupo, a partir de suas crenças, ideologias ou do seu lugar de fala defende seus posicionamentos e suas crenças.

Por último, temos a definição de espaços discursivos, entendidos por Maingueneau (*apud* POSSENTI, 2003, p.145) como “subconjuntos de formações discursivas cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito”. Os espaços discursivos correspondem a um grupo mais delimitado de formações discursivas, selecionado por um analista de acordo com a finalidade de sua pesquisa.

Embora tenhamos considerado relevante trazermos a definição dos três pontos – universo discursivo, campo discursivo e espaços discursivos – que, assim como Maingueneau, consideramos importantes para entender o conceito de interdiscurso, lembramos que para esta pesquisa o terceiro ponto – espaço discursivo – é o mais relevante. Tal relevância acontece por nossa pretensão em, a partir do espaço discursivo que é a própria obra *A hora da estrela*, identificar os

principais tipos de discursos que compõem este espaço e como colaboram para a construção identitária da personagem Macabéa.

2.3 Escrita Clariceana e discurso literário

A literatura, de acordo com Cândido (2006), por não ter uma função específica, tem diversas funções, entre elas, retratar acontecimentos da realidade social. Embora Clarice Lispector não seja conhecida por uma escrita que denuncie explicitamente fatos sociais, como é o caso de autores como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, entre outros, é possível perceber esse aspecto na obra de forma mais implícita. Acerca disso, através de uma literatura mais subjetiva e intimista, a autora faz profundas reflexões sobre problemas vivenciados socialmente, como é possível perceber no conto *Amor*, no qual a personagem principal, Ana, após ver um cego e a falta de compaixão das pessoas para com ele, passa o dia refletindo e questionando tal situação.

Portanto, por meio de uma escrita peculiar, que não se aproxima de muitos autores da sua época – terceira fase do modernismo-, a autora trata diversas questões, seja nas suas obras compostas por monólogos internos, fluxos de consciência, metalinguagem, que trate de questionamentos existenciais, ou por meio de uma visão mais explícita dos problemas sociais, como é um caso da obra *A hora da estrela* que compõe o *corpus* desta pesquisa e é considerada a única obra da autora que busca romper com um estilo de escrita intimista e se fazer mais clara e voltada para questões exteriores.

Outro ponto que deve ser considerado, ao estudar a obra clariceana, é que, na sua escrita, predomina a presença de personagens mulheres, e estas têm mais monólogos que diálogos. Tal aspecto nos faz pensar sobre o lugar desses sujeitos – personagens femininas – e o seu posicionamento no mundo, se os seus discursos encontrariam aceitação e lugar propício para se materializarem.

Nesse sentido, quando se trata da obra clariceana ou de outro discurso literário, devemos considerar, em consonância com Maingueneau (2012), todos os aspectos de um discurso comum, entre eles a sua capacidade de ser uma forma de ação, sua existência para além do texto ou da frase e sua interatividade. Com relação a esse último, embora a obra da Clarice aconteça mais num âmbito interno

de suas personagens, a interatividade materializa-se, pois ela é um ato enunciativo e “toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é de fato tomada de uma interatividade constitutiva; ela é um intercâmbio, explícito ou implícito, com outro locutores, virtuais ou reais” (MAINGUENEAU, 2012 p. 41).

Um dos aspectos que diferencia o discurso literário dos demais discursos é o fato de ele ser considerado, assim como o discurso religioso, o discurso científico e o discurso filosófico, um *discurso constituinte*. Nesse viés, consideram-se discursos constituintes “os discursos que se propõem como discursos de origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma” (MAINGUENEAU, 2012 p. 60). Portanto, além do discurso literário ter autoridade para se autovalidar, ele também, por ser constituinte, pode ser utilizado para validar outros discursos. Além disso, é importante salientar que o campo literário também funciona como campo discursivo, proporcionando-nos a representação de realidades sociais e suas implicações discursivas e ideológicas para construção do sujeito.

Os discursos constituintes caracterizam-se, justamente, por “fundar e não ser fundados por outros discursos” (Idem, *Ibidem*, p.61), qualificando-se como discursos que têm uma grande autoridade se comparados aos discursos “comuns”, e que frequentemente são visitados e utilizados para fundamentar outros discursos e não o contrário. Tal autoridade “advém da posição limite que ocupam no interdiscurso: não há acima deles nenhum outro discurso, e eles se autorizam apenas a partir de si mesmos” (p.62).

Portanto, levando em consideração essa autoridade a que se pretendem esses discursos constituintes, percebe-se a importância de analisá-los, já que, de certa forma, por se fundarem a si mesmos, estão menos vulneráveis aos prejuízos que podem ser causados por críticas. Dessa forma, obtêm mais liberdade de expressão e, automaticamente, menos receio de retratar a realidade – no caso do discurso literário -, podendo retratar uma imagem mais próxima desta e do contexto social.

2.4 Identidade

Embora o consenso em relação ao conceito de identidade esteja longe de existir, proporcionando, em decorrência disso, amplos debates quanto ao assunto, para esta pesquisa, optamos por trabalhar com o conceito de identidade na

perspectiva de Silva (2000). Tal abordagem busca conceituar identidade ligando-a ao conceito de diferença, ou seja, é a partir da identificação e percepção das coisas que não somos que conseguimos saber o que e quem somos: nossa identidade (SILVA,2000).

Além disso, essa perspectiva de identidade dialoga com aquela proposta por Paul Ricoeur e Jean Daniel (1999). Os autores entendem que a diferença, ou alteridade, direciona-nos a perceber que o diferente não é apenas o outro, mas o *eu* também é diferente aos olhos desse *outro* que nos observa numa troca de subjetividades sobre a diferença, e é esse diálogo que propicia a construção da identidade.

Nesse sentido, só podemos afirmar o que somos porque existem muitas outras coisas e formas de identificação que não nos caracterizam. É a partir do outro e de suas características que não fazem parte do nosso ser, que podemos construir quem somos, levando-nos a compreender que a identidade é uma construção social. Além disso, seria muito mais difícil, em meio a tanta diversidade e tantas possibilidades, nomear todas as coisas que não somos. Nessa lógica, “a gramática nos permite a simplificação de simplesmente dizer ‘sou’ (...)” (SILVA, 2000, p.63), ainda que por traz da afirmação existam diversas negações. Portanto, “assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis!” (Ibidem, p.64).

Outro ponto importante, de acordo com a abordagem que escolhemos para tratar de identidade nesta pesquisa, é que a identidade e a diferença “são o resultado de atos de criação linguística” (Ibidem. p.64), não podendo ser consideradas como resultado de um processo natural, mas fruto de uma construção histórica, cultural e social e que, assim como os discursos, passam por lutas e embates para conquistarem hierarquia e prestígio. Portanto, assim como os sentidos presentes nos discursos, por serem frutos de atos linguísticos, dizer o que somos e, automaticamente, o que não somos não é algo arbitrário, mas resultado de uma longa construção sócio-histórica, que, além de nos caracterizar, identifica nosso prestígio e lugar social.

Construída por meio de atos linguísticos e fruto de um processo social, histórico e cultural, a identidade, assim como a diferença, caracteriza-se como uma relação social. Portanto,

isso significa que sua definição - discursiva e linguística – está sujeita e vetores de força e relação de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (Ibidem. p.67).

Percebe-se, portanto que pensar em identidade é muito mais que dizer o que é ou o que não é. É buscar entender a complexidade das relações sociais, assim como dos discursos que sustentam essas relações, e perceber a força criadora da linguagem, identificando os conflitos e as ideologias presentes nos atos linguísticos que criam as identidades sociais a partir das diferenças.

3 METODOLOGIA

Por não ter a intenção de quantificar as ocorrências dos discursos, mas identificá-los e analisá-los, relacionando-os à construção identitária, a pesquisa caracteriza-se como puramente qualitativa. Nesse sentido, queremos perceber a relação interdiscursiva dentro do *corpus*, observando quais discursos ali figuram e quais relações estabelecem entre si, sejam elas relações de convergência ou de conflito. A partir disso, buscamos, ainda, investigar como é construída a identidade da Macabéa.

Para tal estudo, caracteriza-se como *corpus* a obra *A hora da estrela*, da Clarice Lispector, dando ênfase, principalmente, às falas do narrador e da personagem Macabéa. Devido à limitação da pesquisa e da nossa pretensão, foi necessário fazer esse recorte, não sendo possível analisar as falas de todos os personagens que aparecem na obra, elegendo-se, pois, o que consideramos de maior relevância para alcançarmos o que almejamos: a fala do narrador, da própria Macabéa e, em momentos pontuais, do namorado da personagem, já que é a partir desses que podemos construir a imagem da personagem.

Levando em consideração a vastidão dos seus escritos (mais de dez obras consideradas principais) e a limitação do nosso trabalho, quanto ao espaço, foi preciso selecionar uma que pudesse atender à demanda do *corpus*, dentro dos

objetivos pretendidos, e *A hora da estrela* foi a que consideramos mais adequada para a nossa finalidade.

Por entendermos que “toda proposta de análise de discurso deve considerar que a interpretação influencia a análise do objeto” (LOPES, 2017, p.49), e buscando reger o nosso envolvimento subjetivo, elegemos como aporte teórico o modelo de análise do discurso proposto por Maingueneau (2008a, 2008b, 2009, 2015). Portanto, além de identificar os tipos de discurso e as relações interdiscursivas que os engendram, analisaremos suas relações com as condições de produção, os conflitos e as convergências dentro do espaço discursivo e as colaborações para a construção da identidade da Macabéa. Configuram-se como principais categorias de análise: o discurso e a identidade.

Delimitado o *corpus* e realizado o levantamento teórico acerca das relações discursivas e de suas possíveis contribuições para a construção identitária do sujeito discursivo, em seguida, foi feito um estudo minucioso da obra *A hora da estrela*, por meio de leitura atenta e anotações, com o fito de identificar os discursos e as relações entre eles, principalmente, na enunciação do narrador e da própria personagem e de qual modo se delineia a identidade desta, a partir da ótica de ambos. Posteriormente, buscamos relacionar essas interações discursivas com o referencial teórico utilizado e como essas relações colaboraram para a construção da identidade. Por fim, foram apontados os resultados.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

A obra *A hora da estrela* é riquíssima e possui diversos aspectos que podem ser explorados e trabalhados pela análise do discurso. Porém, por se tratar de um artigo, com um número determinado de páginas, foi preciso fazer algumas delimitações e trazer o que consideramos mais importante para trabalharmos o que propusemos (discurso e identidade), podendo estudar outros pontos da obra em trabalhos futuros.

Inicialmente, vale destacar que o espaço discursivo no qual ocorrem os discursos que vão construir a identidade da Macabéa é o próprio romance, que tem seu papel interativo, sobretudo nas falas do narrador, que interage o tempo todo com o leitor. Em contrapartida, as ações da Macabéa são mais monológicas, pois

ela quase não dialoga com os outros personagens ou com o leitor. Contudo, mesmo assim, ocorre interatividade, pois, de acordo com Maingueneau (2015), não precisa ter um interlocutor presente para que haja interatividade, uma vez que toda enunciação, ainda que de forma implícita, supõe a presença de outra instância enunciativa. Dessa forma, tal espaço, embora se caracterize como uma ficção, torna-se relevante, principalmente, por dois motivos: ser uma obra literária e ter como uma de suas funções retratar a realidade social (CÂNDIDO, 2006); e ser um discurso constituinte, o que lhe dá maior autoridade se compararmos a outros discursos (MAINGUENEAU, 2012). Nesse sentido, por meio de enunciados já proferidos em outras situações discursivas, ao entrarmos em contato com os discursos presentes na obra, conseguimos compreendê-los e concordar ou discordar, de acordo com nossas ideologias.

4.1 Construção da identidade da Macabéa pelo discurso do narrador e dela própria

Embora a obra em análise tenha como personagem principal a Macabéa, esta quase não tem voz na obra, o que remete a sua falta de voz também na vida, ou seja, durante toda a obra, a personagem se constrói muito mais pelo discurso do narrador do que pelo seu próprio discurso. Como veremos a seguir, a sua identidade vai sendo tecida a partir da percepção do narrador, que se apresenta como do gênero masculino e fala da personagem por meio de um olhar observador. Ainda que existam vários discursos dentro da obra, predominam quatro: religioso, determinista, patriarcal⁴ e capitalista, que dialogam entre si e, muitas vezes, servem para reforçar um ao outro, estando separados na escrita do trabalho apenas por uma questão de organização didática.

O religioso

Durante toda a obra, percebemos o **discurso religioso**, que aparece com frequência, seja como uma forma de justificar o pensamento de que devemos ser obedientes a Deus (ex:1), de reforçar a ideia da necessidade que o homem tem de

⁴ Considera-se o patriarcado como “uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres” (DELPHY, 2009, p.173).

encontrar com Deus e exaltá-lo (ex: 3), ou de que se alcança estado de santidade pela pobreza (ex: 2). Tais ideologias estão diretamente ligadas às religiões cristãs. Nesse ponto, reforça-se a ideia de Pêcheux *apud* Maingueneau (2015, p.28), “isso fala sempre alhures e antes”, deixando clara a reprodução dos discursos das mais diversas instituições sociais. Como vamos perceber, o discurso religioso, na obra, está muito ligado ao discurso determinista, servindo, muitas vezes, para justificá-lo e reforçá-lo.

Ainda sobre o discurso religioso, o narrador traz a fé como um elemento que faz parte da construção identitária da Macabéa, pondo-a como essencial para que ela suporte seu estado de miséria sem desanimar (ex: 4); e a oração como salvação para quem quer pedir ajuda (ex: 5). Além disso, traz ainda a repetição de alguns valores e de algumas crenças presentes no cristianismo, como arrependimento, inferno e anjo, mesmo sem haver um entendimento do porquê repetir esses costumes, deixando clara a repetição sem reflexão. (ex: 6, 7, 8).

Ex: 1 “cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventar-se-á. Esse vosso Deus que nos mandou inventar.” (LISPECTOR, 1998. p.18).

Ex: 2 “(...) me reduzi a mim mesmo, mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus.” (Ibidem. p.18).

Ex: 3 “(...) também sou um homem de hosanas e um dia, quem sabe, cantarei loas que não as dificuldades da nordestina.” (Ibidem. p.19).

Ex: 4 “(...) Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé.” (Ibidem. p.26).

Ex: 5 “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação.” (Ibidem. p.33).

Ex: 6 “Outra vez ouvira: ‘Arrepende-te em Cristo e Ele te dará felicidade.’ Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo. O pastor também falara que a vingança é coisa infernal. Então ela não se vingava.” (Ibidem. p.38).

Ex: 7 “Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam.” (Ibidem. p.40).

Ex: 8 “Ela rezou automaticamente em agradecimento. Não era agradecimento a Deus, só estava repetido o que aprendera na infância.” (Ibidem. p.55).

A fé, muito presente no discurso religioso, também aparece nas falas da personagem, justificando a “vontade de Deus” para a sua existência (ex:9).

Ex: 9 “– Eu também acho esquisito, mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem, mas parece que deu certo. (...) Pois como o senhor vê eu vinguei... pois é... (Ibidem. p.43).

Outra forma de expressão do discurso religioso é por meio do interdiscurso do pudor e receio que a mulher deve ter com relação a seu corpo, deixando claro como esta deve agir e se comportar, não podendo admirá-lo, principalmente, se for considerado feio (ex:10,11,12).

Ex: 10 “(...) trata-se de uma moça que não se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?” (Ibidem. p.22).

Ex: 11 “(...) tinha medo grande de pegar doença ruim lá embaixo dela – isso, a tia lhe ensinara. Embora os seus pequenos óvulos tão murchos. Tão, tão.” (Ibidem. p.33).

Ex:12 “Ela sabia o que era o desejo –embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía.” (Ibidem. p.45).

Tal discurso, presente nas falas do narrador, também é identificado na fala da personagem que concorda com ele e reforça a ideia do que deve ou não ser visto, ouvido e praticado pelo ser feminino, convergindo, desse modo, com a moral cristã ocidental. (ex: 13,14).

Ex: 13 “– Isso, moço, é indecência, disse ela para o rádio, ao ouvir que o único animal que não cruza com filho era o cavalo.” (Ibidem. p.37).

Ex: 14 “– Você não olhe enquanto eu estiver me limpando, por favor, porque é proibido levantar a saia.” (Ibidem. p.53).

Nesse mesmo sentido, está presente o interdiscurso da proibição da sexualidade sem fins reprodutivos para as mulheres, vinculado a uma moral cristã, fazendo com que o prazer e o desejo sejam vistos como algo errado, ao serem sentidos, deve sentir-se culpada e pedir perdão a Deus, ainda que seja de forma mecânica (ex: 15,16).

Ex: 15 “(...) sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava sem Deus, ela não sabia quem era Ele e, portanto Ele não existia.” (Ibidem. p.34).

Ex: 16 “Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de uma viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar.” (Ibidem. p.32).

Este interdiscurso moralista, que faz parte do **discurso religioso**, também é encontrado na fala da personagem, deixando explícito que fugir dos padrões impostos pela moral cristã é visto de forma pejorativa e ofensiva (ex:17). É em defesa dessa honra, atribuída pelo discurso religioso como um dever da mulher, que a Macabéa, que quase não tem espaço de fala na obra porque também não o tem na vida, expressa-se e demonstra sentir-se ofendida ao ser comparada com mulheres sexualmente mais livres.

Ex: 17 “– Sou moça virgem! Não sou mulher de soldado e marinheiro.” (Ibidem. p.62).

O determinista

O discurso determinista, na obra, conversa diretamente com o discurso religioso, este, talvez por ser constituinte e se pretender a uma maior autoridade, reforça aquele a todo tempo. Tal discurso é expresso por meio da ideia de “condenação” à realidade na qual nascemos, não tendo o direito de buscar evoluir ou de alcançar um patamar que consideramos melhor e, por isso, devemos apenas aceitar (ex: 17,18,20).

Outra ideia dentro desse mesmo discurso é a da dificuldade de quebrar um ciclo e a condenação a repetir o comportamento e o estilo de vida do grupo social no qual se está inserido (ex: 19,21). Inclusive, este pensamento como podemos observar é muito utilizado para manter visões preconceituosas, para manter relações de poder, como por exemplo, em relação ao gênero, deixando claro o que pode ou não, de acordo com o gênero e com outras características étnico sociais que formam os sujeitos.

Ainda ligado ao discurso determinista, está o saudosismo e a tendência de acreditar, quando se passa um momento ruim, que o passado era melhor. Nesse último ponto, é possível perceber uma ligação, como em outros momentos do texto, interdiscursiva e intertextual com passagens bíblicas. Aqui (ex: 22), pode-se fazer uma conexão com a caminhada do povo hebreu à terra prometida, o qual, embora tivesse sido escravizado no Egito, ao passar por dificuldades antes de chegar a um lugar melhor, desejava voltar e recordava com saudade das migalhas que recebia.

Ex: 17 “Ela deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante, era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra”. (Ibidem. p.15).

Ex: 18 “A moça tinha ombros curvos como o de uma cerzideira. Aprendera em pequena a cerzir. Ela se realizaria muito mais se se desse ao delicado labor de restaurar fios, quem sabe de seda.” (Ibidem. p.26).

Ex: 19 “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas.” (Ibidem. p.28).

Ex: 20 “Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo”. (Ibidem. p.35).

Ex: 21 “Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não sei o quê com ar de se desculpar por ocupar um lugar no espaço.” (Ibidem. p.27).

Ex: 22 “Tinha saudade de quando era pequena – farofa seca – e pensava que fora feliz. Na verdade, por pior que seja, a infância é sempre encantada, que susto” (Ibidem. p.28).

Outro ponto que o **discurso determinista** reforça, durante a obra, por meio do narrador, é a funcionalidade da ignorância e a falta de questionamento para suportar a vida. Desse modo, o narrador torna a existência da personagem aceitável graças à falta de conhecimento que esta tem de sua miséria (ex: 23). Não saber quem era, não conhecer outras formas de vida e, o mais importante, não questionar é visto, pelo narrador, como fundamental para que a personagem possa manter a ideia, ainda que equivocada, de que é feliz (ex: 24, 27,28,29,30,31,32). Ainda dentro do discurso determinista, é apontada a aceitação do pouco e do ruim que lhe é oferecido (ex:25,33), como também uma indisposição para a luta (ex:26).

Ex: 23“(..) essa moça não se conhece se não através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada e em cheio no chão.” (Ibidem. p.15).

Ex: 24 “Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito.” (Ibidem. p.36).

Ex: 25 “Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?” (Ibidem. p.40).

Ex: 26 “Ela não reage. Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente.” (Ibidem. p.26).

Ex: 27 “Essa moça não sabia quem ela era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz.” (Ibidem. p.27).

Ex: 28 “(...) não saber fazia parte importante de sua vida.” (Ibidem. p.29).

Ex: 29 “(...) ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. (...) o seu viver é ralo.” (Ibidem. p.23).

Ex: 30 “Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acreditava. (...) Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé.” (Ibidem. p.26).

Ex: 31 “(...) não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era “assim”. (Ibidem. p.51)

Ex: 32 “E acontece que não tinha consciência de si e não reclama de nada, até pensava que era feliz.” (Ibidem. p.69).

Ex: 33 “Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança.” (Ibidem. p.76).

Por fim, também percebe-se a reprodução do **discurso determinista** na fala da própria Macabéa, que converge com o narrador, demonstra aceitação pacífica da situação e da falta de conhecimento (ex: 34,35,36), mostrando conformidade com o pouco que possui, buscando viver sem muitos questionamentos, levando-a a uma atitude de submissão. Tal submissão também está ligada ao discurso patriarcal e ao religioso. Desse modo, vamos percebendo que todos os discursos presentes na obra conversam e interagem entre si, às vezes apoiando-se, outras, completando-se.

Ex: 34 “– Não faz mal, não faz mal, não faz mal... a gente não precisa entender o nome.” (Ibidem. p.45).

Ex: 35 “– Não, não tenho nenhuma preocupação. Acho que não preciso vencer na vida.” (Ibidem. p.49).

Ex: 36 “–Não sei como faz outra cara. Mas é só na cara que sou triste porque por dentro eu sou até alegre. É tão bom viver, não é?” (Ibidem. p.52).

O patriarcal

O **discurso patriarcal** mantém uma ligação com o **discurso religioso**, para reforçar a questão moral cristã; com o **discurso capitalista**, que objetifica o ser e lhe atribui valor de acordo com seu status; como também com **discurso determinista**, para manter as relações de poder entre gênero e estabelecer regras do que não deve ser praticado pelo ser feminino.

Esse discurso **patriarcal**, inicialmente, coloca a Macabéa como responsável e culpada por todo o desconforto sentido pelo narrador ao escrever sua história, ou por coisas sobre as quais ninguém pode ter controle (ex: 37,38,41), ainda que este faça isso por sua própria vontade.

Posteriormente, percebe-se uma atribuição negativa – escuridão – quando o narrador se refere a uma ex-namorada que tinha vida sexual ativa (ex: 39), fortalecendo a crença de ser errado para a mulher ter liberdade sobre o seu corpo e sobre a sua sexualidade, pensamento muito presente também no discurso religioso. Além disso, também é perceptível uma estereotipização da mulher ligada aos lugares que esta ocupa e frequenta, ou seja, uma idealização de como o ser feminino deve se comportar e o que deve ou não fazer para ser reconhecido positivamente ou sofrer represálias sociais (ex:40,43,44,46). Neste último ponto, esse pensamento também se interliga ao discurso religioso, bem como ao discurso determinista, que, muitas vezes, busca, como forma de controle, estabelecer padrões e modelos a serem seguidos pelas mulheres.

Outro ponto a ser observado, ainda sobre o discurso patriarcal, é a idealização do ser masculino e de como este é formado socialmente, sendo ensinado como deve se comportar e agir (ex:42,44). Também é observado, dentro do **discurso patriarcal**, o discurso do valor do feminino ligado ao que ele pode oferecer ao masculino, dialogando, como veremos, com o **discurso capitalista** (ex: 45,46,48).

Ex: 37 “Antes de ter surgido na minha vida eu era um homem até mesmo um pouco contente, apesar do mau êxito na minha literatura.” (Ibidem. p.17).

Ex: 38 “ela me acusa e o meio de defender é escrever sobre ela. Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura”. (Ibidem. p.17).

Ex: 39 “lembro-me de uma namorada, era moça-mulher e que escuridão de seu corpo”. (Ibidem. p.18).

Ex: 40 “Tinha uma vaga ideia que mulher que entra em restaurante é francesa e desfrutável.” (Ibidem. p.40).

Ex: 41 “– Você também só sabe é mesmo chover!”. (Ibidem. p.43).

Ex: 42 “Fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher.” (Ibidem. p.44).

Ex: 43 “–Vá para o inferno, você só sabe desconfiar. Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça donzela.” (Ibidem. p.49).

Ex: 44 “– Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita.” (Ibidem. p.50).

Ex: 45 “– É, dessa vaca não sai leite”. (Ibidem. p.54).

Ex: 46 “– Isso é lá coisa para moça virgem falar? E para que serve saber de mais? O Manguê está cheio de raparigas que fizeram perguntas de mais.” (Ibidem. p.55).

Ex: 47 “Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira.” (Ibidem. p.60).

Ex: 48 “–(...) ainda se encontra mulher barata. Você me custou pouco, um cafezinho. Não vou gastar mais nada com você, está bem?” (Ibidem. p.55).

O **discurso patriarcal** existe não só na ótica do narrador, mas também da personagem, quando esta tem medo de que o namorado mude de ideia se ela demorar a responder (ex: 49), colocando, desse modo, a mulher na obrigação de ter que estar sempre disponível, de não poder errar sob pena de perder o homem. Tal discurso – patriarcal, apoiado no religioso e no determinista – leva a uma reprodução de comportamentos sem questioná-los, e, conseqüentemente, à marginalização de sujeitos, oprimidos pelos que obtêm mais poder, poder este que é conferido, também, pelo **discurso capitalista**, no qual o valor do ser está diretamente ligado

ao ter e a sua utilidade para manutenção do sistema principalmente dos comportamentos fundados por discurso constituintes, como o religioso (ex:50,51).

Ex: 49 “– Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.” (Ibidem. p.43).

Ex: 50 “– Sabe o que mais aprendi? Eles disseram que se devia ter alegria de viver. Então eu tenho.” (Ibidem. p.51).

Ex: 51 “– As boas maneiras são a melhor herança.” (Ibidem. p.45).

O capitalista

O discurso capitalista, inicialmente, apresenta-se por meio da representação de um modo de vida vivido pela personagem e produzido por uma condição subalterna na sociedade, condição de pobreza. Tal discurso está implícito nas atitudes e na forma de pensar da tia (ex:52), reproduzido em diversos momentos pelo narrador, reforçando, como resquício do discurso capitalista, a objetificação das pessoas, que são vistas como coisas (ex:56, 60).

Devido a personagem não fazer parte do grupo valorizado pelo discurso capitalista – o que detém status e poder–, sua identidade vai sendo construída, também, por meio de atitudes que denotam exclusão e rejeição. Tais ações permeiam toda a sua existência, desde a sua mais tenra idade, quando lhe foi atribuído atividades da vida adulta em detrimento da vivência de sua infância, além da falta de afeto, de carinho e de pertencimento (ex: 52,57, 62, 63, 64, 65).

Ademais, o narrador busca reforçar, como forma também de denúncia, as atitudes de exclusão e rejeição, para quem não está dentro dos padrões valorizados pelo discurso capitalista, por meio de uma enunciação que mostra a falta de importância da personagem para o meio social no qual ela vive, como a sua falta de adequação para a sociedade na qual está inserida (ex: 53,54,55), sendo apresentada, portanto como indispensável, inadequada e sem nenhum atrativo. (ex.56,58,60). Entende-se, então, com base na pirâmide das necessidades básicas,

proposta por Maslow⁵ (1962), que a personagem tem boa parte de suas necessidades básicas negadas, como por exemplo o pertencimento que é colocado na pirâmide como uma das necessidades elementares, e sobrevive com a escassez em todos os aspectos de sua vida.

Ex: 52 “Às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafiadora de meninas brincando de roda de mãos dadas – ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão.” (LISPECTOR, 1998. p.33).

Ex: 53 “(...)Ela era um acaso, um feto jogado na lata de lixo. Embrulhado em um jornal.” (Ibidem. p.36).

Ex: 54 “Esquecera os nomes da mãe e do pai, nunca mencionados pela tia.” (Ibidem. p.37).

Ex: 55 “Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio”. (Ibidem. p 27).

Ex: 56 “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica na qual ela era um parafuso dispensável.” (Ibidem. p.29).

Ex: 57 “(...) nunca recebera uma carta em sua vida e o telefone do escritório só chamava o chefe e Glória.” (Ibidem. p.47).

Ex: 58 “Na verdade ela parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer dos pais famintos.” (Ibidem. p.58).

Ex: 59 “Macabéa não tinha força de raça, era subproduto”. (Ibidem. p.59).

Ex:60 “... a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (Ibidem. p.14).

⁵ De acordo com a pirâmide de Maslow (1970), as necessidades humanas são divididas em cinco: fisiológicas, segurança, afeto, estima e as de autorrealização. Esta teoria é representada por uma pirâmide, na qual na base se encontram as necessidades elementares, pois estas são indispensáveis à sobrevivência. Segundo Maslow, um indivíduo só sente o desejo de satisfazer a necessidade de um próximo estágio quando a do nível anterior estiver satisfeita. Portanto, a motivação para realizar estes desejos vem de forma gradual.

Ex:61 “–Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida? (Ibidem. p.60).

Ex: 62 “Para as pessoas ela não existia.” (Ibidem. p.63).

Ex: 63 “(...) faltavam-lhe antecedentes de carinho.” (Ibidem. p.72).

Ex:64 “Quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar ela se acariciava a si própria.” (Ibidem. p.78-79).

Ex:65 “(...) assim como antes pessoas nada haviam feito por ela.” (Ibidem. p.81).

O discurso capitalista também está presente nas falas da Macabéa, que se reduz ao que é considerado mais importante na sociedade ocidental capitalista: profissão (status), vida sexual, e consumo (ex:66).

Além disso, nessa consonância entre os discursos do narrador e da própria Macabéa, partindo do conceito de Silva (2000), que nos mostra que a nossa identidade vai sendo construída socialmente a partir da diferença, ou seja, sabemos quem somos porque conseguimos identificar as diversas coisas que não nos caracteriza, é possível dizer, a partir da enunciação da personagem, que ela tem certa consciência de quem ela é e de suas origens e de seus gostos (ex:66,67), e, algumas vezes, isso é comprovado por meio de afirmações do que ela não é. Porém, embora pareça que o discurso inicial da personagem contrarie o narrador, quando este afirma que ela não tem conhecimento de quem ela é, ela, durante a sua enunciação, sobretudo em interação social (com sua colega de trabalho, com o namorado etc.), mostra ser conivente com o narrador, deixando transparecer suas dúvidas e angústias quanto ao seu lugar no mundo (ex: 68,69,70), reconhecendo que não é importante dentro da sociedade capitalista. Tal insatisfação nos faz perceber que a identidade não fica pronta e está sempre sujeita a modificações e a questionamentos, principalmente ao entrar em contato com outras realidades sociais que diferem da nossa.

Ex: 66 “– Sou datilógrafa, virgem e gosto de coca-cola.” (LISPECTOR, 1998. p.36).

Ex: 67 “– Eu gosto de tanto de parafuso e prego, e o senhor?” (Ibidem. p.44).

Ex: 68 “– Desculpe, mas não acho que sou muito gente.” (Ibidem. p.48).

Ex: 69 “–É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para ser possível?” (Ibidem. p.49).

Ex:70“– Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê? ...Quer dizer não sei bem quem eu sou.” (Ibidem. p.56).

Por último, após a visita da Macabéa à cartomante, que pode ser entendida como participante de um grupo social com crenças, valores e ideologias distintas da sua, até então, a personagem entra em conflito com sua identidade (ex:71); toma consciência de sua miséria, o que lhe causa sofrimento (ex:72) e decide mudar de vida (ex:73,74). Tal atitude diverge tanto da sua identidade inicial criada a partir do narrador como de si mesma. Nesse sentido, reforça-se o pensamento de Silva (2000), a respeito da identidade como criação social, não individual e discursiva, pois é a partir da interação com outros seres, com a diferença, e, principalmente, com os interdiscursos presentes nos enunciados desses, que a personagem constrói e modifica sua identidade.

Ex: 71 “– Não sei o que está dentro do meu nome. Só sei que nunca fui importante.” (LISPECTOR, 1998, p.56).

Ex: 72“– Eu me doo o tempo todo. Dentro, não sei explicar.” (Ibidem. p. 62, 63).

Ex: 73“– É agora, é já, chegou a minha vez!” (Ibidem. p.79).

Ex: 74 “– Hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” (Ibidem. p.80).

Nessa sessão foi possível identificar os principais discursos presentes na obra, a partir da fala do narrador e da Macabéa e, pontualmente, do namorado da personagem, e perceber que os quatro discursos principais (religioso, determinista, patriarcal e capitalista) não estabelecem relações de confronto – embora possa haver pontos conflitantes entre eles e as respectivas ideologias a que correspondem –, mas de completude e apoio mútuo na construção da identidade da personagem. Também é importante perceber e comprovar, como bem nos mostrou Silva (2010), o quanto a identidade está sujeita a modificações.

Nesse sentido, a personagem que passa a maior parte da narrativa em consonância como o narrador, que a descreve como alguém que está conformado com a sua situação subalterna e de miséria, sem nenhuma ambição ou perspectiva de mudança, após o encontro com a cartomante, sente o desejo de mudar e passa a ambicionar coisas que considera serem melhores para a sua vida – encontrar um homem rico que a ame e sentir-se feliz –, mesmo que parte desse pensamento ainda reproduza ideologias e posturas que compõem o discurso patriarcal, porém, ao encher-se de esperança e decidir mudar, a Macabéa é atropelada e morre.

Podemos, pois, a partir do sentimento de esperança de transformação da sua vida, adquirido pela personagem após o seu encontro com a cartomante, considerar sua morte como simbólica, uma morte para tudo que ela tinha sido até então, ou seja, a Macábea descrita não existe mais, passa a existir alguém que abandona parte de suas crenças e busca para si uma realidade diferente da que conhecia até o momento. Desse modo, há uma modificação na sua identidade, como também nas suas crenças e ideologias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou os discursos e suas contribuições para a construção da identidade da personagem Macabéa, na obra *A hora de estrela* de Clarice Lispector. A partir de nossos estudos, ficou claro que a personagem, na construção de sua identidade, incorpora quatro principais discursos, apresentados pelo narrador e reafirmados por ela mesma. São eles: religioso, determinista, patriarcal e capitalista.

Tais discursos interagem o tempo todo entre si, sempre para reforçar e apoiar um ao outro, sobretudo o religioso, que por ser constituinte se dispõe a uma autoridade maior. Essa ligação entre eles colabora o tempo todo para uma estrutura social que busca controlar o feminino e estabelecer regras e formas de agir, fundamentadas pelo discurso religioso da cultura ocidental cristã, que reforça a ideia pregada pelo discurso determinista. Este fortalece o discurso patriarcal, o qual apoia que a mulher precisa sempre estar à disposição das vontades do homem, sendo

objetificada e tendo seu valor atribuído de acordo com sua serventia, ligando-se, dessa forma, diretamente a uma estrutura sustentada pelo capitalismo. Portanto, fica perceptível o quanto esses quatro discursos conversam e se ligam durante toda a obra.

Além da construção identitária da Macabéa, a obra também representa e denuncia como são tratadas, ainda, as mulheres que estão no mesmo lugar da personagem: nordestina, pobre, órfã e sem muita instrução. Estas são o tempo todo reprimidas por um sistema capitalista, reforçado pelos os discursos acima citados, que não dá espaço para as mulheres, principalmente àquelas que estão em posições sociais menos favorecidas, sendo condenadas – por meio do discurso religioso, reforçado pelo determinista, que apoia o patriarcal, interligando-se ao capitalista – a permanecerem a vida toda em condições subalternas.

Vale ressaltar, também, que estes foram apenas alguns dos aspectos que podem ser explorados nessa riquíssima obra, que tão bem representa a realidade de muitas mulheres, não se esgotando as possibilidades de futuros estudos e exploração de outros aspectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, G. **Do livro à tela**: identidade e representação em a hora da estrela de Clarice Lispector. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2009.

BORGES, T. **“A culpa é minha” ou “A hora da estrela”?**: uma análise do romance a hora da estrela de Clarice Lispector. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et al. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 173-179.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto** (vol. 1). São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, C. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, S. **As relações interdiscursivas entre o discurso religioso e o literomusical em canções interpretadas por Luiz Gonzaga**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2017.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. **Cenas da enunciação**. Trad. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MARCHESANO, S. **Clarice e Macabéa**: apartes discursivos da construção/desconstrução da identidade feminina em “A hora da estrela”, de Clarice Lispector. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro, 2010. p. 2482-2489.

Maslow, A. (1970). **Introdução à Psicologia do Ser** (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Eldorado. (Originalmente publicado em 1962).

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: Princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005.

POSSENTI, S. **Observações sobre o interdiscurso**. Anais do 5º encontro do CelSul. Curitiba, 2003. p. 140-148.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RICOEUR, P. e DANIEL, J. Diálogo: A estranheza do estrangeiro. In: **Café Philo**: as grandes indagações da filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editora, 1999. p. 13-22.

SILVA, T.T.D. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Org. Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.